Nau Literária: crítica e teoria de literaturas • seer.ufrgs.br/NauLiteraria
ISSN 1981-4526 • PPG-LET-UFRGS • Porto Alegre • Vol. 10 N. 02 • jul/dez 2014
Dossiê: Migração, exílio e identidade

Entre Portugal e a "Árvore das Patacas": os percursos do brasileiro torna-viagem na ficção camiliana

Tatiana de Fátima Alves Moysés*

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar, na ficção camiliana, as viagens entre Portugal e Brasil no decurso do século XIX e, sobretudo, os personagens que as protagonizavam, os brasileiros torna-viagem. Elegeremos, do vasto legado literário do autor, dois romances que nos darão a oportunidade de discutir os diversos aspectos que envolviam esses deslocamentos, são eles *Eusébio Macário* e *Os brilhantes do brasileiro*.

Palavras-Chave: Camilo Castelo Branco, Emigração, Brasil, Portugal.

Abstract: This paper aims to analyze in Camilo Castelo Branco's fiction the travels between Portugal and Brazil during the nineteenth century and especially the main characters of these stories: the Brazilians who come back home. Two novels will be elected from the vast literary legacy of the author, they are *Eusébio Macário* and *Os brilhantes do brasileiro*, which gives us an opportunity to discuss the various aspects of these journeys.

Keywords: Camilo Castelo Branco, Emigration, Brasil, Portugal.

Os percursos migratórios na literatura de Camilo Castelo Branco correspondem a aspectos da mais diversa ordem. Seja por questões políticas, sociais, amorosas ou econômicas, os personagens camilianos se deslocam dentro de Portugal, bem como por outros países e, como resultado desse trânsito, percebe-se um dinamismo nas narrativas, cujos espaços podem oscilar, só para mencionar os mais recorrentes, entre Portugal, Espanha, França, Itália e Brasil.

Curiosamente, cada um desses sítios tem, em geral, algumas características que são a eles comuns em diferentes obras do autor em questão[1]. Ora, Paris e Roma são tidas em diversos romances tais como *Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado* e *Agulha em palheiro*, ainda que ironicamente, como um espaço de erudição e refinamento. Os países d'África ou a Índia, por outro lado, estão vinculados à noção de degredo, como bem nos ilustra o romance *Amor de Perdição*. Já o Brasil remete à ideia de enriquecimento fácil e, sobretudo, à figura do brasileiro torna-viagem. E é, justamente, nesta última imagem que

* Doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, no Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, na Universidade de São Paulo. Com o apoio da Capes, desenvolve estudo comparatista entre as obras de Camilo Castelo Branco e Manuel Antônio de Almeida.

[1] O espaço na obra de Camilo Castelo Branco, em razão de sua complexidade, demanda um estudo que investigue as diferentes funções que pode ter na obra do autor, tarefa que excede o limite do nosso trabalho. Mas podemos dizer, ainda que numa análise embrionária, que uma mesma cidade ou país pode assumir configurações distintas em um ou outro romance. No entanto, uma consulta a narrativas camilianas mostra que há alguns aspectos que são mais recorrentes a determinados espaços requestados por Camilo.

Camilo se apoia para desenvolver quadros muito ricos em que a emigração e as viagens mostram o fluxo monetário entre Brasil e Portugal.

Como se sabe, brasileiro torna-viagem é a expressão empregada para identificar os portugueses que deixavam seu país rumo ao Brasil, com o objetivo de exercer, do outro lado do Atlântico, alguma atividade profissional que proporcionasse lucro. Quando conseguiam rendimentos que os tornavam homens ricos, voltavam para o país de origem e, diferentemente do português que não empreendeu a mesma viagem, recebia essa alcunha que, entre bons e maus significados, indicava ascensão econômica.

Na pena de Camilo, esses viajantes encontraram tratamento bastante desfavorável, na medida em que o autor recorria, para retratá-los, ao senso comum, que no século XIX os concebia a partir de uma perspectiva depreciativa. Desse modo, em uma rápida análise dos brasileiros torna-viagem na ficção camiliana, o que se encontra, sem grande variação, é a ganância, a avareza, a gula, a luxúria, a arrogância, a ostentação, a falta de instrução e a inadaptação às regras de civilidade. Em contrapartida, o dinheiro oriundo do trabalho desses viajantes é responsável por diversas transformações positivas no interior da narrativa, já que é por meio dele que os personagens secundários visualizam possibilidade de ascensão social.

A ambiguidade com que o autor de São Miguel de Ceide constrói o brasileiro torna-viagem corresponde, em parte, às circunstâncias também ambíguas em que se dava a emigração portuguesa para o Brasil no século XIX. Respeitando os aspectos que são pertinentes à estrutura literária, é possível dizer que Camilo dialoga com esse processo histórico quando do engendramento dos seus emigrados. Joel Serrão, em *Temas Oitocentistas II*, nos oferece arcabouço teórico para que possamos tecer algumas considerações acerca das implicações desse momento de Portugal nas narrativas camilianas.

De acordo com Joel Serrão (1978, p.164), o fluxo de portugueses que optavam por partir para o Brasil a fim de encontrar melhores condições de trabalho nem se interrompeu, nem diminuiu de intensidade mesmo com a quebra do monopólio comercial entre Portugal e sua antiga colônia, em 1808, nem tampouco com a posterior independência desta em 1822. E, embora seja difícil estabelecer o perfil do português que viajava para a América do Sul, já que existem poucos documentos a respeito deles, sabe-se que, no segundo quartel do século XIX, tratavam-se, em sua maioria, de jovens de famílias minhotas que, não tendo patrimônio suficiente para todos os herdeiros, encontravam meios de financiar a viagem de um ou mais filhos para o Brasil, esperando que aí pudessem construir algum pecúlio, exercendo um trabalho árduo, normalmente na atividade comercial. A partir da segunda metade do mesmo século, com a crise da mão-de-obra no Brasil, resultado das incertezas que envolviam o

emprego do trabalho escravo nesse período, os emigrantes passaram a ser também recrutados para trabalharem no setor agrícola.

Os brasileiros de Camilo, no que concerne às suas origens, condizem com a descrição de Joel Serrão, pois são, normalmente, jovens de famílias nortenhas e humildes que buscam no Brasil os caminhos da ascensão que lhe são vetados em Portugal em razão da organização social, do conservadorismo das ideologias e das crises financeiras que atravancavam o desenvolvimento econômico português[2]. Dois romances que têm como figura central brasileiros torna-viagem ilustram essa relação entre famílias desapropriadas e emigração, são eles: *Os brilhantes do brasileiro* e *Eusébio Macário*. No primeiro deles, publicado em 1869, Hemenegildo Fialho Barrosa, de acordo com o narrador, deixa o país ainda criança para tentar a sorte no Brasil. Quando retorna, já abastado, encontra a irmã, habitando um convento, criada de uma abadessa. Ainda que não seja fornecido ao leitor nenhum dado acerca das condições pregressas do personagem, a atividade profissional exercida por sua parenta permite pressupor que ambos não nasceram com abundância de recursos. Riqueza recente é também a de Bento Monte Alegre, de *Eusébio Macário*, publicado em 1879, haja vista que quando emigra, o brasileiro, para empregar as palavras da irmã Felícia, era apenas um "espicho" (Castelo Branco, 2003, p.96), ou seja, um rapaz magro, sem posses, que só muda de condição depois de se casar com uma viúva rica e se envolver em negócios com sócios de índole questionável. Ambos os arquétipos mostram que também na ficção a aventura da viagem para a antiga colônia portuguesa constitui-se como uma das poucas saídas para uma parcela pobre de um Portugal cujas oportunidades de ascensão pareciam existir apenas do outro lado do Atlântico.

Mas quais motivos levavam algumas famílias a investirem suas economias em um destino tão incerto? Talvez o principal deles fosse a autopropaganda daqueles que, ao retornarem abastados, ostentavam riqueza, deixando a impressão de que o Brasil era uma terra onde se conseguia dinheiro facilmente. Essa noção de enriquecimento imediato era estimulada também pelos rumores que chegavam à colônia a respeito das vantagens econômicas oriundas

[2] Sabe-se que a economia portuguesa, no decurso do século XIX, teve um desenvolvimento irregular que se caracterizou por períodos de progresso entrecortados por longas crises. Embora não haja um consenso entre os historiadores da economia de como a transferência do aparato de Estado português para o Brasil em 1808 pode ter sido responsável por essa instabilidade, é certo que algum impacto teve sobre um país, que mesmo anteriormente, já apresentava debilidade nas suas indústrias e agricultura. Essa falta de vigor econômico, entre outros fatores, enfraquecia o mercado de trabalho, tornando as possibilidades de ascensão por meio de uma atividade profissional bastante restritas, já que não havia postos suficientes para absorver a mão-de-obra excedente. Assim, o percurso migratório para o Brasil tornava-se uma das poucas alternativas para aqueles que pretendiam a mobilidade social.

da exploração do ouro em Minas Gerais. Como nos lembra Rosemary Granja[3], o mito do Eldorado brasileiro fez com que o Brasil ficasse conhecido como Árvore das Patacas:

> A ideia do Brasil como lugar de oportunidades para ganhar dinheiro, "a árvore das patacas", remonta o ciclo de ouro nas Minas Gerais. Mas no século XVIII o enriquecimento era para uns poucos entre os cerca de 10000 que entravam no Brasil todos os anos. Depois, no início do século XIX, a imagem do Eldorado brasileiro alimentou o sonho dos que chegavam aqui (Granja, 2009, p. 39).

Camilo não prescinde de construir em suas narrativas, por meio das expectativas que recaem sobre os emigrados, o mito do Brasil como "a árvore das patacas". De fato, nos romances que já mencionamos, o retorno efetivo do brasileiro torna-viagem é precedido pela ideia de fortuna que sua imagem suscita nos personagens que permaneceram em Portugal e, por isso, só conhecem o Brasil pelas notícias que chegam a eles. Em outras palavras, aqueles que não se deslocavam do lugar de origem, em geral, não conheciam a dura realidade do trabalho na ex-colônia portuguesa, nem tampouco tinham consciência de que a mão-de-obra compulsória nela empregada era responsável pela formação de um grupo de "homens livres e expropriados, que não foram integrados à produção mercantil […] formou-se, antes, uma 'ralé' que cresceu e vagou de quatro séculos: homens a rigor dispensáveis, desvinculados dos processos essenciais à sociedade" (Franco, 1997, p.24). Nesse sentido, o Brasil, como terra do enriquecimento fácil e rápido, não passava de uma lenda que se sustentava apenas no imaginário de quem não estava próximo à realidade do país, pois como observa Joel Serrão (1980, p.186), a partir da sondagem de dados a respeito do progresso econômico desses viajantes, a emigração nem sempre era compensadora ao nível individual.

Em que pese as circunstâncias desfavoráveis do trabalho no Brasil, o mito do Eldorado insistia em permanecer. Daí explica-se o alvoroço que o retorno de um brasileiro ou ainda qualquer possibilidade de contato com um deles provoca nos personagens camilianos. Assim, no romance de 69, quando do anúncio da chegada do brasileiro no mosteiro em que a irmã era criada, "grandes alvoroço, e alegrias, e invejas" foram compartilhados entre as religiosas "que saíram a cumprimentá-lo as mais autorizadas, e folgaram de o ver comer pastéis ensopados em vinho do Porto com familiar lhaneza e proporções homéricas de estômago (Castelo Branco, 1966, p.27). Hermenegildo, ainda que apresentasse aspecto e comportamento grotesco, o qual as religiosas não deixaram passar despercebido, ganha atenção privilegiada,

[3] Faz-se referência à tese *Brasileiros e portugueses: todos fora do lugar – a imagem do brasileiro torna viagem na ficção camiliana*. Nela a autora, além de fazer um estudo minucioso sobre as condições em que se dava o fluxo de portugueses para o Brasil no século XIX, se volta ao universo da ficção camiliana, mostrando como Camilo abordava a questão da emigração e, sobretudo, o brasileiro torna-viagem que a protagonizava.

em um espaço sacro, onde teoricamente não deveria ser aceito, se visto de uma perspectiva religiosa, nenhum dos seus pecados tais como ganância, luxúria e, sobretudo, a gula.

De modo semelhante, no romance *Eusébio Macário*, Bento Montalegre, mesmo antes de regressar para a aldeia de Bastos, já atrai atenção do boticário que tenta se fazer presente para este ainda que por cartas, identificando-se como "Eusébio Macário, farmacêutico aprovado por Sua Majestade Fidelíssima que Deus guarde" (Castelo Branco, 2003, p.92). Quando da chegada efetiva do brasileiro, o narrador constrói um quadro da recepção a ele oferecida, ressaltando cada expediente empregado pelos personagens com intuito de bajulá-lo e, assim, conseguir os favores de quem chegava da terra das Patacas. Assim, Bento é recebido, como uma espécie de celebridade, pelo povo cheio de expectativa à entrada da aldeia, ao som dos sinos da igreja e dúzias de foguetes e morteiros.

O dinheiro proveniente do Brasil, portanto, mobiliza os moradores de uma pequena aldeia portuguesa não por benefícios concretos que já possa ter oferecido, mas por todo potencial que tem no imaginário dos personagens. Vale ressaltar, no entanto, que embora ganhe projeção pública e se torne alvo de toda espécie de assédio interesseiro, por ser a representação carnal das promessas do dinheiro angariado no Brasil, o brasileiro camiliano é ridicularizado na mesma proporção em que é ovacionado. Seja por meio dos personagens secundários ou das manobras do narrador, a imagem do capitalista promissor é descontruída no decurso da narrativa. Ora, o mesmo povo que esperava Bento à porta da aldeia proferia ditérios que diminuíam sua relevância social, tais como "o diabo do homem parece um entrudo! – É que traz a barriga ao invés!" ou "Ó Zé das Poldras, olha como é gordo o brasileiro! Se eu pilhava assim um porco" (Castelo Branco, 2003, p.100). O torna viagem, nesse sentido, é uma figura ambígua, pois ao mesmo tempo em que é símbolo de progresso econômico, é alvo de um riso que parece questionar a nova burguesia que ascendia no Portugal oitocentista.

As manobras feitas pelo narrador também conduzem o olhar do leitor a visualizar o brasileiro como um indivíduo degradado tanto do ponto de vista físico, quanto moral. Vejamos como o narrador de *Os brilhantes do brasileiro* constrói as apresentações preliminares do seu protagonista:

> Em um frigidíssimo dia de janeiro de 1847, por volta das nove horas da manhã, o Sr. Hermenegildo Fialho Barrosas, brasileiro grado e dos mais gordos da cidade eterna, estava a suar, na rua das Flores, encostado ao balcão da ourivesaria dos Srs. Mourões. As camarinhas aljofravam a brunida testa de Fialho Barrosas, como se a porosa cabeça deste sujeito filtrasse hidraulicamente o estanque de soro recluso no bojo não vulgar do mesmo. Era o suor respeitável da mortificação; o esponjar das glândulas pela testa, quando as lágrimas golfam dos seus poços, e não bastam já olhos a estancá-las. Era, enfim, a dor que flameja infernos em

> janeiro, e tira dum homem adiposo e glacial lavaredas, como o Etna as repuxa por entre as neves do seu espinhaço (Castelo Branco, 1966, p. 1).

Hermenegildo Fialho Barrosas reúne em si características depreciativas reproduzidas em outros personagens similares de Camilo. No aspecto físico, recorda o já mencionado Bento Montalegre, que "limpava os refegos nacarados do pescoço em lenços caros, bufando, e escumando do peito camarinhas de suor que alastravam na fina bretanha da camisa nódoas de humidade gelatinosa e peganhenta" (Castelo Branco, 2003, p.96-97). No que diz respeito às relações sociais, ambos cercam-se de uma espécie de confraria, formada por brasileiros, cujos integrantes se apoiam quando o objetivo é evitar que um deles seja prejudicado moral ou financeiramente, para isso não prescindem de emitir pareceres que raramente se adequam às normas judiciais ou religiosas. Nesse sentido, os brasileiros, sejam como protagonistas ou como personagens secundários, não são, nem tampouco convivem com pessoas de boa índole.

Hermenegildo é ainda um bom protótipo de brasileiro torna-viagem no que concerne ao casamento. Sabe-se que, em geral, esses personagens, quando chegam a Portugal, buscam se casar com moças jovens e belas, porém desafortunadas. Algumas delas são constrangidas ao casamento, seja para corresponder aos sonhos arrivistas de suas respectivas famílias, seja pela falta de outras opções de sustento, como é o caso de Ângela que se casa com o brasileiro do romance de 69, após ser abandonada a própria sorte pelo pai. Bento Montalegre, por sua vez, se casa com Custódia, que percebe na união com tal marido a perspectiva de mobilidade social e econômica.

Esses brasileiros são, em geral, acompanhados por um título nobiliárquico que, comprado por preços altos, visa ocultar a origem. Situação esta que extrapola os limites da ficção, já que era bastante frequente na sociedade portuguesa do século XIX, período em que ocorre a venda indiscriminada de títulos, que culmina no aumento de uma nobreza de nova data (Vaquinhas; Cascão, 1993, 449). Assim, tenta-se ocultar, a princípio, que um determinado barão ou comendador, no presente da narrativa, antes fora o caixeiro, o lavrador, o pastor ou até mesmo o pároco. Essa simulação, no entanto, por conta de sua fragilidade, não convence os personagens secundários, nem tampouco o leitor, que ao constatar o grotesco que envolve esses retornados, entende que já não se trata mais do menino pobre que deixou sua aldeia, nem dos nobres que nela moram por séculos, e sim de um terceiro tipo: o brasileiro torna-viagem.

As condições em que são forjadas as armas de Bento Montalegre após se tornar comendador mostram como o brasileiro transita entre mundos opostos, um nobre e outro

popular, sem se adaptar a nenhum deles e, por isso, se torna uma figura única e risível para os integrantes das duas classes:

> O Molarinho mandou saber como queria ele as armas. – Que o armasse como soubesse – respondeu Araújo & Filhos, muito velhaco, cheio de inveja da comenda, e dizia a mãe dos seus sócios: - Este pulha, o Bento, com armas reais em anel! Está tudo perdido!
>
> O Molarinho não achou no índice alfabético dos apelidos nobres o Montealegre. Esteve para criá-lo, inventá-lo, um monte batido do largo sol, matizado de boninas, com recamos de flores amarelas de giesta e florescências roxas da urze, um monte risonho, alegre – "Montalegre". Mas receou exceder a missão da arte na cooperação dos fidalgos. Como ele também era Pereira, gravou o baixo-relevo do brasão do condestável, dos Braganças: em campo vermelho uma cruz de prata floreteada e vazia de campo; timbre, uma cruz vermelha também, flereteada e maciça entre asas de ouro aberta. Eram as armas de el-rei D. Afonso, o Casto, e de seu sobrinho Forjaz Vermui, avoengo de D. Nuno Álvares Pereira, e do bento José talvez (Castelo Branco, 2003, p.93).

O dinheiro de Bento, bem como os títulos que pode comprar, fazem inveja e, contraditoriamente, salienta sua inadequação à nova posição social a que ascendeu. Daí que o mesmo anel, que representa o titulado de nova data, poderia comportar a comicidade de um monte risonho ou seu extremo oposto, o brasão de nobres de estirpe antiga. Camilo, portanto, representa o brasileiro como fruto dos novos tempos, que afrouxava a distância entre os dois polos formados, de um lado, pelo rico e/ou nobre de longa data e, de outro, pelo desvalido. Com a riqueza oriunda da emigração portuguesa para o Brasil, novas possibilidades de organização social passavam a existir. A visão de Camilo em relação a essas transformações, contudo, não parece favorável, haja vista que esses personagens, em geral, dimensionam um pessimismo de quem não vê muitas esperanças no Portugal dos barões recentes.

Física e moralmente degradado, o brasileiro torna-viagem não consta, na ficção camiliana, como uma alternativa positiva para a restruturação de Portugal. Se em alguns romances o patrimônio construído por ele é fruto de um trabalho pesado e honesto, em outros é apenas resultado de crimes, ilegalidades, casamentos por interesses ou prática de favor. Mas, embora não seja uma opção exemplar, é por meio do dinheiro que regressa com o brasileiro que se visualiza algum progresso em Portugal.

Em *Eusébio Macário*, por exemplo, os três capítulos iniciais são compostos por descrição do espaço romanesco e dos personagens ou de suas histórias pregressas, somente a partir do quarto capítulo, com a chegada do brasileiro, a narrativa de fato se inicia e a trama toma novos rumos, todos estimulados pelo interesse gerado pela fortuna de Bento Montalegre. Em *Os brilhantes do brasileiro*, é o dinheiro de Hermenegildo, embora empregado sem seu consentimento, que financia a carreira acadêmica de Francisco e, por conseguinte,

desencadeia uma série de ações, que culminam no desfecho feliz para o casal de protagonistas.

Em outras palavras, o brasileiro camiliano, com sua capacidade empreendedora, é responsável por erguer seu país, inserindo-o na ordem capitalista, como observa Paulo Motta Oliveira:

> Camilo descreve um Portugal totalmente imerso no mundo capitalista. Parece-me que os mapas que aqui construímos só confirmam a hipótese que então levantei. A inevitável decadência que Antero de Quental apontou na sua mais famosa conferência na sala do *Casino Lisbonense* talvez seja apenas parte da realidade do Portugal oitocentista. E, talvez, a ficção camiliana seja o caminho para encontrarmos esse Portugal perdido, escondido na sombra pelo brilho da geração de 70. O mapa de Camilo não me parece menos que o de Eça. Mais confuso e fluído talvez. Mas essa complexidade é fundamental para que possamos entender o Portugal subterrâneo, que mesmo sem a sua principal colônia, continuou a existir. O Portugal dos pobres e dos trabalhadores. O Portugal dos brasileiros, que com suas pesçoceiras rorejantes de suor, constroem, qual pacientes aranhas, uma teia atlântica (Oliveira, 2004, p.12).

Com efeito, Camilo, por mais que critique a situação do Portugal oitocentista e requeste seu atraso em relação aos outros países europeus como tema constante tanto da ficção como dos textos críticos que publica no decurso da sua carreira, tem perspectivas diferentes daquelas traçadas por seus contemporâneos, na medida em que ainda mostra esse país como um espaço em que capitalistas investidores recém-chegados do Brasil são uma alternativa de progresso. Mas, como a pouco ressaltamos, nem este progresso nem seus promotores, ao contrário do que se possa pensar, ganham conotações positivas na pena do autor. Ora, o dinheiro que proporciona algum impulso à economia portuguesa, quando não conseguido pelo trabalho árduo, vem de origens obscuras e com ele ganha projeção social, o indivíduo que, na visão de Camilo, se desloca na pirâmide social sem se preocupar em adquirir instrução formal ou refinamento. Nesse sentido, o processo de emigração portuguesa, na obra do escritor, se configura não como a melhor, mas, como uma das poucas opções para o progresso individual e do país.

Importa-nos ressaltar ainda que, embora perceba a expatriação como o meio corrente de ascensão social, Camilo não prescinde de retratar as exceções dos portugueses que enriqueciam sem deixar a terra natal. Paulo Motta Oliveira (2004, p.8), no artigo já mencionado *Pescoceiras rorejantes de suor: os brasileiros de Camilo, uma teia atlântica*, observa que, no romance *Onde está a felicidade*, o personagem João Antunes da Mota, a princípio, está destinado pelo tio a embarcar para o Brasil, mas encontra antes disso um homem que lhe oferece trabalho mesmo em Portugal, alegando que "o Brasil é em toda parte. Tenha ele cabeça, e boa aquela para o negócio, que o mais em toda parte se arranja dinheiro"

(Castelo Branco, 2003, p.50). O percurso traçado por esse personagem em nada destoa daqueles dos brasileiros torna-viagem. Além do dado comum que é a origem humilde, sua riqueza provém da junção do trabalho árduo com a engenhosidade de se casar com a filha do patrão. Soma-se a isso a avareza, a ganância e a defesa de uma falsa moralidade.

Portanto, o autor de São Miguel de Ceide expressa uma visão algo conservadora e pessimista do sistema de ascensão social no século XIX, na medida em que aponta que tanto aqueles que enriqueciam no Brasil quanto em Portugal, apesar de contribuírem para a manutenção e progresso econômico do país, não ofereciam a este um futuro que comportasse uma organização social mais próspera, seja no que diz respeito ao progresso intelectual, seja no que concerne às relações humanas. Os brasileiros torna-viagem e suas variações portuguesas, ou seja, aqueles que conseguiam fortuna sem deixar o país, são, nesse sentido, os burgueses que o autor menciona em carta enviada à filha Bernardina Amélia:

> Diz-lhe que o peor é ter a gente de deixar o mundo amanhã ou depois, com a mesma dose de patifes que cá estavam quando entramos. Dize-lhe que a espécie humana foi sempre assim: que no século passado os ladrões eram os nobres que vampirisavam o sangue das classes inferiores; hoje são os burgueses que se estão devorando uns aos outros, porque não há fidalgos que delapidar, nem clero que mandar mendigar, nem povo que se preste a ser roubado (Castelo Branco, apud. Figueiras, 2002, p. 244).

A burguesia que se formava no intercurso entre Brasil e Portugal, portanto, na perspectiva de Camilo Castelo Branco, tinha em suas atitudes predatórias apenas uma extensão da vampirização de sua antecessora. Do mesmo modo que as armas, que como vimos Bento Montalegre mandara fazer a fim de comemorar seu título de comendador, essa nova classe em ascensão comporta, concomitantemente, símbolos que representam nobreza e popularidade. Contudo, de acordo com as impressões conferidas nessa correspondência camiliana, essa junção dos aspectos concernentes a cada status social não é promissora na medida em que os burgueses parecem reunir em si o que há de pior em cada classe. E os brasileiros, como seus principais representantes, com sua avareza, egoísmo e anseio de monopólio financeiro, reproduzem a estrutura, para usar as palavras de Camilo, devoradora do Antigo Regime. Mas, ao mesmo tempo, vampirizam os outros desapropriados, como ele fora outrora, empregando os expedientes comuns ao modo de vida capitalista.

Com efeito, a volta dos portugueses emigrados para Portugal e as expectativas geradas por ela culminam em arrivistas como Bento Montalegre e Hermenegildo Fialho Barrosa, que de meninos desapropriados passaram, se contemplados do ponto de vista das personagens, à personificação do mito da árvore das Patacas. O narrador, por outro lado, com sua visão pessimista e desencantada em relação a esses indivíduos, não permite que o mito persista até a

recepção do leitor, que é alertado todo o tempo da falsidade sobre a qual se fundamenta o progresso do brasileiro torna viagem. Assim, o narrador finda por criar um contraste entre a visão das personagens e do leitor, o que potencializa os elementos ridículos que envolvem a figura do retornado. Ou seja, se para os moradores da aldeia de Bastos o irmão de Felícia é celebrado, apesar da aparência e comportamento grotesco, para o leitor o que prevalece é justamente este último aspecto. Se para as freiras Hermenegildo é digno dos mais calorosos cumprimentos embora seja glutão, para o leitor é esta, entre outras características, que o desabona.

De um modo geral, o autor de São Miguel de Ceide retoma, a partir de uma perspectiva crítica, o processo de migração portuguesa para o Brasil tão bem retratado, como vimos, por Joel Serrão em *Temas Oitocentistas*. Assim, o romancista transporta para o mundo ficcional aspectos históricos de Portugal e Brasil no século XIX, estabelecendo um vínculo entre história e literatura. Essa relação entre áreas distintas culmina em textos literários que são permeáveis à matéria social, mas que, ao mesmo tempo, não perdem as especificidades do mundo ficcional. É por meio de um ente da ficção como o narrador, por exemplo, que Camilo convida seu público leitor a rir e a questionar o enriquecimento dos brasileiros torna-viagem, mostrando todo seu descontentamento e pessimismo acerca dessa nova realidade que se construía em seu país. Em certo sentido, ao engendrar narrativas sobre os emigrados através desse diálogo com o conteúdo social, o romancista responde à utopia da nova sociedade liberal com o retrato distópico de uma sociedade com valores pervertidos, dominada por um pragmatismo interesseiro, sobretudo vigente num país provinciano, pouco cosmopolita, apesar de ter tido no passado importante papel na colonização de diversos territórios na América, África e Ásia. Em contrapartida, Camilo não prescinde de expressar que é também a herança colonial que propicia aos brasileiros torna viagem a oportunidade de fazer os percursos emigratórios entre Portugal e a suposta "Árvore das Patacas", angariando um patrimônio fundamental para a economia portuguesa.

Referências

CASTELO BRANCO, Camilo. *Eusébio Macário/ A corja*. Caixotim, 2003.

_____. *Os brilhantes do brasileiro*. São Paulo: Saraiva, 1966.

_____. *Onde está a felicidade?* Caixotim, 2003.

FIGUEIRAS, Paulo de Passos. *Cartas inéditas de Camilo Castelo Branco à filha Bernardina Amélia, ao genro e à neta*. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2002.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1997.

GRANJA, Rosemary. *Brasileiros e portugueses*: todos fora do lugar – a imagem do brasileiro torna-viagem na ficção camiliana. 2009. 119 fs. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

OLIVEIRA, Paulo Fernando da Motta. *Pescoceiras rorejantes de suor: os brasileiros de Camilo, uma teia Atlântica*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2004.

SERRÃO, Joel. *Temas oitocentistas I*- Para a história de Portugal do século passado. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

VAQUINHAS, Irene Maria; CASCÃO, Rui. Evolução da sociedade em Portugal: a lenta e complexa afirmação de uma civilização burguesa. In: MATTOSO, José de. *História de Portugal* – O Liberalismo. Vol. V. Lisboa: Editorial Estampa, 1993, p. 441-457.